



O RESGATE DAS LENDAS LOCAIS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA NO AMBIENTE ESCOLAR EM CARAUARI-AM

Amanda Silva de Lima¹

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Glauciene da Costa Maia²

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Resumo: O presente artigo resulta da análise desenvolvida a partir da aplicação de uma ação pedagógica realizada no âmbito do Estágio Supervisionado em História II. O estudo tem como objetivo analisar a relevância do resgate das lendas locais no ambiente escolar de Carauari-AM como estratégia de fortalecimento dos vínculos comunitários, da identidade regional e da valorização das tradições culturais. Especificamente, busca compreender o papel dessas narrativas na preservação do sentimento de pertencimento cultural da comunidade carauariense, discutir a importância da escola como espaço de difusão da cultura local e identificar as contribuições pedagógicas da inserção das lendas no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada na observação participante durante a execução de um plano de intervenção pedagógica. O referencial teórico apoia-se em discussões sobre educação crítica, patrimônio cultural, oralidade e valorização dos saberes locais. Os resultados evidenciam que a incorporação das lendas locais às práticas pedagógicas favorece o reconhecimento da cultura regional, fortalece o sentimento de pertencimento dos estudantes e amplia as possibilidades de contextualização do ensino de História. Conclui-se que a inserção dessas narrativas no currículo escolar constitui uma estratégia relevante para aproximar o conhecimento sistematizado da realidade sociocultural dos educandos, enriquecendo suas experiências formativas.

Palavras-chave: Resgate Cultural; Lendas Locais; Ambiente Escolar; Identidade e Cultura; Prática Pedagógica.

¹Graduada em Licenciatura em História pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em Carauari-AM, na modalidade de Ensino Presencial Mediado por Tecnologia (EPMT). E-mail: silvadelimaamanda06@gmail.com.

² Orientadora, Mestra em História, formada pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Professora Assistente do curso de Licenciatura em História, ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), na modalidade de Ensino Presencial Mediado por Tecnologia (EPMT), em Carauari-AM. E-mail: glauciamai2020@gmail.com.

The revival of local legends as a pedagogical practice for promoting the appreciation of local culture in schools in Carauari, Amazonas

Abstract: This article presents the results of an analysis based on the implementation of a pedagogical intervention carried out during the Supervised History Teaching Internship II. The study aims to analyze the relevance of incorporating local legends into the school environment in Carauari, Amazonas, as a strategy for strengthening community ties, regional identity, and the appreciation of local cultural traditions. More specifically, it seeks to examine the role of these narratives in preserving the community's sense of cultural belonging, discuss the school's role as a space for promoting local culture, and identify the pedagogical contributions of using local legends in the teaching and learning process. The research adopted a qualitative approach based on participant observation during the implementation of the pedagogical intervention. The theoretical framework draws on discussions of critical education, cultural heritage, oral tradition, and the appreciation of local knowledge. The findings indicate that incorporating local legends into pedagogical practices contributes to recognition of regional culture, strengthening students' sense of belonging, and expanding opportunities for contextualized History teaching. It is concluded that integrating these narratives into the school curriculum represents a relevant educational strategy for connecting academic knowledge with students' sociocultural realities, thereby enriching their educational experiences.

Keywords: Cultural Heritage; Local Legends; School Environment; Identity and Culture; Pedagogical Practice.

Introdução

A escola é um espaço integrado de descobertas e construção de caráter, que desempenha um papel fundamental na formação plena do indivíduo, seja no que diz respeito aos saberes sistematizados, seja na valorização da identidade cultural e social deles. Em vista disso, o resgate das lendas locais integra-se nesse cenário como uma prática pedagógica significativa, capaz de fortalecer o vínculo dos estudantes com a história, os saberes tradicionais e a cultura de sua coletividade.

Diante do supra, o presente trabalho apresenta os resultados de uma ação desenvolvida no âmbito do Estágio Supervisionado em História II, realizada com os alunos do 3º ano 01 do ensino médio, da Escola Estadual Osvaldo Nascimento, em novembro de 2023, no município de Carauari-AM. Contudo, é válido ressaltar que esta intervenção foi executada coletivamente pelos acadêmicos do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no entanto, os pareceres aqui pautados são frutos de uma percepção individual.

Dito isso, a investigação em voga delimita-se ao estudo do resgate das lendas locais como abordagem educacional voltada para o reconhecimento da cultura no ambiente escolar, em Carauari-AM. Com efeito, a pesquisa concentra-se na análise do uso desses contos no processo educativo, considerando-os como recurso que pode contribuir para a preservação cultural e a afirmação identitária dos estudantes.

Todavia, embora o município em questão apresente uma vasta riqueza simbólica, da qual também fazem parte as histórias orais, observa-se que essas manifestações têm recebido pouca atenção no contexto escolar. Isso, por sua vez, levanta questões sobre como as escolas podem atuar de maneira profícua na salvaguarda do patrimônio cultural local, integrando-o às dinâmicas educacionais.

A partir disso, portanto, emerge-se a pergunta norteadora que é a seguinte: Como a utilização das lendas locais no currículo escolar pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem em Carauari-AM? A resposta para essa questão poderá ser encontrada no decorrer desta escrita.

Isso posto, o presente labor acadêmico justifica-se pela necessidade de se enaltecer a importância da cultura como elemento essencial na construção da identidade individual e coletiva dos sujeitos. Para tanto, as lendas enquanto fenômenos da tradição oral preservam valores, crenças e memórias que contribuem para a compreensão da história e da realidade sociocultural das comunidades, especialmente em contextos amazônicos.

Nesse sentido, essa produção torna-se relevante, pois é uma forma potente de unir o aprendizado científico aos saberes empíricos, propondo a rememoração das histórias contadas de pai para filho ao longo do tempo como um meio de exaltar a cultura e o enraizamento dos educandos no âmbito escolar, sobretudo em um panorama marcado pelo enfraquecimento da herança ancestral e pela interferência crescente de culturas externas.

Para além disso, este trabalho ainda se consagrou em torno do objetivo geral que buscou analisar a relevância do resgate das lendas locais no ambiente escolar de Carauari-AM como estratégia de fortalecimento dos vínculos comunitários, da identidade regional e da valorização das tradições culturais, e especificamente, compreender o papel dessas narrativas na preservação do sentimento de pertencimento cultural da comunidade carauariense, discutir a importância da escola como espaço de difusão da cultura local e identificar as contribuições pedagógicas da inserção das lendas no processo de ensino-aprendizagem.

Já no que diz respeito à metodologia utilizada, essa se constituiu a partir do método da observação participante, ancorada a uma análise de conteúdo, que se consolidou através da aplicação do plano de ação pedagógica no Estágio Supervisionado em História II, cuja organização se fomentou em 4 etapas: explicação da parte teórica aos discentes; orientações; confecção de um mural sobre os trabalhos escritos por eles; apresentações finais, em formato de curta-metragem, dança e poemas acerca das lendas estudadas ao longo da oficina pedagógica fomentada pelos estagiários.

Dessa forma, esta escrita reverte-se de solidez científica, porquanto em sua estrutura detalha as etapas, o método, as técnicas e os instrumentos utilizados, dispondo-se também de uma importante discussão teórica, parte na qual há a conversação com os autores que embasaram a pesquisa, além da explanação dos resultados alcançados através da investigação proposta.

Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa, cuja abordagem é qualitativa, enquadrrou-se no macrocampo da História Cultural, subdividida na História Local, Regional, Oral e da Educação, pois além de abordar as representações e práticas culturais do povo carauariense, valorizando as reminiscências da comunidade local, tratou também do uso pedagógico dessas histórias, analisando a escola como espaço de construção cultural.

Dessarte, o macrocampo em questão, suas dimensões, abordagens e seus domínios foram embasados pelos pressupostos de Barros (2020), que norteou o fazer historiográfico desta produção, implementando à mesma o rigor científico.

Para além disso, este trabalho também se fez a partir da contribuição de fontes escritas, orais, impressas e digitais, as quais gestaram-se através de livros, artigos, pesquisas na internet e conversas com alguns moradores mais idosos do município, os quais foram fundamentais para uma maior compreensão das narrativas trabalhadas, possibilitando o desenvolvimento de uma análise mais sólida.

Inclusive, o tipo de análise utilizada nesse processo foi a de conteúdo, a qual é tratada por Bardin (2011), que instrui o pesquisador a analisar aquilo que está investigando para além de um olhar comum, entendendo as complexidades do objeto estudado. Concernente a isso, este procedimento metodológico fora operacionalizado através da organização e leitura inicial do material. Em seguida, os dados foram

codificados e agrupados em categorias, sendo interpretados de acordo com o referencial teórico, permitindo, assim, uma averiguação diligente acerca da percepção dos participantes sobre a temática suscitada.

Concomitantemente, a abordagem qualitativa que regeu o estudo organizou-se nas seguintes etapas: ponto de partida, pesquisa bibliográfica, pesquisa oral, fase de campo, bem como análise e discussões dos resultados.

Ponto de partida: fase na qual se procedeu à organização dos materiais e ferramentas necessárias para as implementações práticas das atividades, ocasião em que também fora feito o levantamento bibliográfico.

Pesquisa bibliográfica: Onde desenvolveu-se a leitura bibliográfica sobre cultura e identidade no contexto escolar; oralidade e as lendas como patrimônio cultural; o resgate desses contos como prática pedagógica, dentre outros. Sendo esse o bojo literário de sustentação para a consagração discursiva do trabalho, não perdendo de vista que livros, documentos, artigos e internet foram as ferramentas utilizadas nesse processo.

Pesquisa oral: foi aqui que as entrevistas com alguns moradores mais idosos ocorreram. Ao todo, seis pessoas, as quais residem em Carauari-AM há décadas e conhecem mais a fundo a história local, foram selecionadas e entrevistadas através de perguntas orais. Quanto aos aspectos éticos que circunscreveram esse procedimento, todos os envolvidos foram convidados a participar de forma voluntária, e antes de tudo, houve o efetivo esclarecimento dos objetivos da pesquisa, levando-os a concordarem em responder os questionamentos suscitados pelos entrevistadores. Além disso, também foi assegurado o sigilo das informações e a preservação de suas identidades.

Em síntese, essas pessoas foram a pedra angular para o desenrolar do estudo como um todo, pois seus discursos possibilitaram o enriquecimento histórico da produção. Convém lembrar ainda que essa coleta de informações foi elementar para que os graduandos envolvidos na intervenção em questão montassem um repertório didático e apresentassem, de maneira criativa, ao público-alvo – os discentes.

Fase de campo: essa etapa compreendeu as experiências do(a) autor(a) deste artigo no Estágio Supervisionado em História II, especialmente no processo de aplicação do plano de ação pedagógica, que se efetuou na Escola Estadual de Ensino Médio Osvaldo Nascimento, nos dias 13, 14, 17 e 21 de novembro de 2023 – no turno matutino.

O método utilizado nesse retrospecto foi o da observação participante, que de acordo com a cosmovisão de Malinowski (1978), é onde o pesquisador insere-se no meio

investigado para obter uma maior apreensão da realidade estudada, e isso de fato só foi possível através do contato direto com a esfera escolar.

Faz-se congruente também ressaltar que na aplicação da intervenção foram utilizadas estratégias que se ancoraram no Construtivismo proposto por Freire (1996), o qual idealiza que o educando seja o eixo central do processo de aprendizagem, onde o educador atua como orientador. Essa concepção foi de extrema importância para o desenvolvimento da atividade em sua organicidade.

No tocante a tudo isso, realizou-se uma oficina pedagógica acerca das lendas locais do município. Logo, a referida metodologia foi pensada para dinamizar a execução e colher resultados positivos, levando os alunos a aprenderem fazendo, debruçando-se no universo da prática e exercendo naquele momento o ofício do historiador pesquisador, pois:

As oficinas são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas através do socio-drama, a análise de acontecimentos, a leitura e discussão de textos, a realização de vídeos-debate, trabalhos com diferentes expressões da cultura popular, etc., são elementos presentes na dinâmica das oficinas (Candau; Zenaide, 1999, p. 24).

Desse modo, a consecução se estruturou a partir da apresentação do arcabouço teórico aos discentes; instruções para o exercício das atividades; coleta de dados feita por eles (através de entrevistas); e apresentação final do trabalho. Lembrando que a aula 1 aconteceu no 2º tempo, segunda-feira; a aula 2 no 2º tempo, terça-feira; a aula 3 no 4º tempo, sexta-feira; e a aula 4 no 2º e no 3º tempo, terça-feira da semana seguinte.

Aula 1: onde foi apresentada aos estudantes a parte teórica do conteúdo, que abordou questões relevantes acerca da cultura carauariense, nas quais as lendas locais estavam inseridas. Ademais, nessa aula também foram passadas as instruções para o encontro seguinte.

Aula 2: cada estagiário ficou responsável por auxiliar e orientar um grupo na fomentação e no desenvolvimento das atividades. Logo, nos reunimos com os educandos, ouvimos suas sugestões e os direcionamos devidamente para que em seu âmbito de convivência realizassem uma breve coleta de dados – conversando com seus avós, pais, tios, vizinhos etc. – acerca do assunto em voga. Assim, esse momento também se deu

como orientação para a escrita das lendas – que cada grupo escolheu para retratar na apresentação final.

Aula 3: foi feita em conjunto a confecção de um mural sobre as histórias escritas pelos próprios discentes depois da pesquisa.

Aula 4: etapa na qual os alunos apresentaram seus trabalhos. Esse momento aconteceu no auditório da escola e as apresentações se deram em formato de curta-metragem, dança e poemas sobre as lendas da Mulher Porca³, Caboclinho⁴, Homem Boto⁵ e da Mulher de Branco⁶.

Mediante a isso, não se pode perder de vista que os educandos do 3º ano 01 do ensino médio foram o público-alvo da ação pedagógica em questão (33 alunos no total). A escolha desse grupo ocorreu em razão da compatibilidade dos horários de aula da turma com o cronograma das atividades, possibilitando uma operacionalização conspícua dentro do período previsto.

Vale lembrar também que os instrumentos pedagógicos utilizados nesse período foram: datashow, notebook, caixa de som e microfone. Desse modo, o resultado final foi proveitoso e os educandos conseguiram elaborar excelentes trabalhos.

Por fim, análise e discussões dos resultados: nessa última etapa, a análise dos dados foi realizada a partir das entrevistas com os moradores participantes da pesquisa. Inicialmente, seus relatos foram organizados e submetidos a leituras sucessivas, visando à familiarização com o conteúdo obtido e, logo em seguida, procedeu-se à identificação das informações mais relevantes para os objetivos do estudo, destacando-se as narrativas relacionadas às lendas locais.

Posteriormente, os reportes que apresentavam conteúdos semelhantes foram agrupados em categorias temáticas, permitindo a sistematização das informações e a identificação dos aspectos recorrentes nos discursos. A interpretação dos dados, por sua vez, ocorreu mediante o diálogo entre as categorias construídas e o referencial teórico

³ Conta-se que, nas noites de lua cheia, no município de Carauari-AM, há a aparição de uma criatura horrenda: uma mulher com aparência de porca, que costuma atacar as pessoas.

⁴ Lenda que se faz presente não apenas no imaginário do povo carauariense, mas na cultura amazônica. Ela narra a existência de um ser mítico, que se assemelha a um menino travesso, o qual costuma perturbar, por meio de suas traquinagens, caçadores, pescadores e quem adentra a floresta.

⁵ Narrativa amazônica, que relata a transformação de um boto em um homem jovem, belo e elegante, vestido de branco e usando chapéu, com o propósito de conquistar as mulheres nas festas populares locais.

⁶ Relata-se que uma mulher vestida de branco costuma aparecer, à noite, nas estradas rurais de Carauari e, quando menos se espera, ela surge sentada nas garupas das motos e das bicicletas de quem tem o infortúnio de vê-la.

adotado, possibilitando compreender o papel das lendas na construção da memória coletiva e da identidade cultural do município.

Por conseguinte, os resultados dessa análise fundamentaram a elaboração da intervenção pedagógica, orientando a seleção das histórias apresentadas aos estudantes e as estratégias didáticas empregadas durante a ação educativa.

Cultura, Identidade e Valorização do Saber Local no Contexto Amazônico

Pensar Carauari, um município do interior do estado do Amazonas, implica reconhecer a especificidade cultural da região, marcada por narrativas orais, mitos ribeirinhos e forte relação com a natureza. Posto isso, a discussão acerca das lendas locais como prática pedagógica exige, a princípio, a compreensão da cultura enquanto construção social e histórica.

Em vista disso, as ideias de Hall (2006) são fundamentais para abriremos essa conversação teórica, isso porque ele defende que a identidade cultural não é algo inflexível, essencialista ou uniforme, que se caracteriza apenas de elementos sistematizados. Muito pelo contrário, ela é construída a partir das relações sociais, das memórias coletivas e das expressões que permeiam as vivências e experiências de determinado grupo e, além disso, também é transformada continuamente por cada um desses contextos.

Isso, por sua vez, potencializa a concepção de que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (Hall, 2006, p. 13), ou seja, essa dinamização se faz de acordo com cada tempo e espaço, moldando quem está inserido nele por meio de suas diretrizes, pois “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (Hall, 2006, p. 38).

Essa proposição dialoga diretamente com Geertz (1989), que nos permite entender a cultura como uma espécie de espiral revertido de significados, onde os próprios indivíduos fomentam suas representações por meio de suas vivências corriqueiras, suscitando as expressões simbólicas que representam a memória de sua história. Destarte, ele legitima isso dizendo o seguinte:

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado (Geertz, 1989, p. 15).

Assim, se Hall (2006) explica como as identidades são formadas, Geertz (1989) demonstra que essa construção ocorre por meio dos significados atribuídos às práticas sociais e aos símbolos compartilhados. Por esse olhar, as lendas não devem ser interpretadas apenas como contos folclóricos, mas como sistemas simbólicos que estruturam a visão de mundo da população inserida.

No contexto amazônico, entretanto, essas manifestações não permanecem isoladas das transformações sociais. Nesse ponto, Canclini (2015) amplia a discussão ao denotar que tradição e modernidade não são elementos opostos, mas coexistem em processo de hibridização cultural⁷. Segundo o autor, o eixo cultural contemporâneo se formula a partir da interação entre saberes populares e cultura erudita, a qual se reveste de práticas institucionais modernas, como a escola, por exemplo. A presença das lendas no seio educacional não representa um retorno ao passado, mas uma possibilidade de articular saberes tradicionais e conhecimentos científicos, impulsionando uma educação contextualizada e socialmente significativa.

Em detrimento, torna-se relevante toda essa interligação, pois a partir disso podemos problematizar a ideia de modernização cultural linear, que em seu sentido estrutural, não permite a presença das tradições orais como protagonista nesse dinamismo. Essa perspectiva pode até nos oferecer uma leitura crítica sobre identidade, globalização e consumo cultural, uma vez que a hibridação se constitui por “[...] processos socioculturais, nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (Canclini, 2015, p. 19), conferindo outros sentidos ao modo de transmissão dos conhecimentos.

Em função disso, a obra em voga nos ajuda a compreender a importância de unir esses saberes, sobretudo, no universo escolar, mostrando aos estudantes que a cultura amazônica é marcada por encontros entre matrizes indígenas, ribeirinhas e urbanas, ressignificando o papel da identidade e do pertencimento em suas vidas.

⁷ Conceito debatido por Canclini (2015), que o caracteriza como um processo pelo qual diferentes culturas entram em contato e passam a misturar, combinar e ressignificar práticas, valores, símbolos e formas de conhecimento, produzindo algo novo.

É justamente nessa especificidade amazônica que Loureiro (1995) aprofunda o debate, discutindo a cultura regional a partir do conceito de imaginário⁸, defendendo que a Amazônia é bem mais que seus aspectos geográficos, econômicos ou ecológicos, necessitando ser enxergada principalmente por seu repertório simbólico, que traz consigo as expressões e representações de seu povo, mostrando que há poesia no cotidiano desses indivíduos, em seus gestos, em suas falas, nas tradições e em sua religiosidade, exaltando o modo de vida ribeirinho. Consequentemente, para ele:

A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural (Loureiro, 1995, p. 55).

Partindo desse entendimento, é exatamente a força desse repertório simbólico e dessa identidade cultural que, segundo ele, explica a maneira como a cultura amazônica se relaciona com as influências externas. O autor sustenta que a cultura local não simplesmente absorve influências extrínsecas, mas reinterpreta, ressignifica e adapta esses elementos segundo seus próprios fundamentos simbólicos, impulsionando o processo de hibridização cultural, conforme explicitado anteriormente a partir da cosmovisão de Canclini (2015).

Em resumo, diante das contribuições de Hall (2006), Geertz (1989), Canclini (2015) e Loureiro (1995), compreende-se que a cultura amazônica constitui um sistema dinâmico de significados, identidades e práticas sociais continuamente construídas e ressignificadas. Nesse contexto, as lendas locais transcendem a condição de simples narrativas folclóricas, configurando-se como expressões do imaginário coletivo, da memória social e do patrimônio cultural de Carauari-AM.

Assim, sua inserção no campo educacional revela-se pertinente não apenas como estratégia de preservação das tradições locais, mas também como possibilidade de promover uma formação que reconheça e valorize as especificidades culturais dos estudantes. Desse modo, o diálogo entre esses referenciais evidencia que a interlocução entre saberes locais e conhecimentos escolares incentiva o sentimento de pertencimento,

⁸ Conjunto de representações simbólicas e culturais que um grupo social cria para compreender e dar sentido à realidade.

viabiliza a construção da identidade cultural e contribui para uma educação contextualizada, crítica e comprometida com a valorização da realidade amazônica.

Educação Crítica e Valorização das Tradições Locais

As reflexões desenvolvidas anteriormente evidenciaram que as lendas de Carauari constituem importantes manifestações da identidade e da memória cultural amazônica. Partindo desse aporte teórico, torna-se necessário refletir sobre a forma como esses saberes podem ser incorporados à ambiência educacional, transformando-se em instrumentos de ensino capazes de firmar o pensamento crítico, o sentimento de pertencimento e a valorização da cultura local.

Nesse diapasão, o reconhecimento das tradições orais no ambiente escolar ultrapassa a simples preservação do patrimônio cultural. Trata-se de compreender que os saberes produzidos pelas comunidades possuem legitimidade e podem dialogar com o conhecimento científico, contribuindo para a construção de uma educação contextualizada e socialmente significativa, assumindo que não há saberes exclusivos, mas saberes que se compartilham, multiplicam e transformam.

Sob essa via, Freire (1989) desponta como um dos principais articuladores desse fragma, pois suas ponderações nos levam a refletir sobre a importância da escola enquanto instituição formadora de sujeitos críticos, capaz de unir o conhecimento científico à realidade corriqueira dos educandos, ressignificando as práticas pedagógicas, reconhecendo que o processo educativo deve ter como ponto de partida a realidade factual dos discentes, onde ensinar envolve reconhecer e valorizar o universo lexical desses sujeitos, isto é, os saberes construídos em seu meio sociocultural, pois, segundo ele, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra [...]” (Freire, 1989, p. 9).

Relativo a isso, em Carauari, as lendas transmitidas oralmente fazem parte desse repertório simbólico e cultural, enriquecendo a história do povo e preservando tradições que revelam valores e a identidade coletiva da comunidade. Assim, essas narrativas agem como teias que conectam gerações, fornecendo preciosos ensinamentos que excedem a perspectiva do mero entretenimento.

Nesse sentido, o resgate dessas histórias enquanto ação educativa configura-se como prática pedagógica libertadora, uma vez que rompe com a hierarquização entre conhecimento sistematizado e saber tradicional, que a educação bancária – criticada pelo

autor – suscita, concebendo que “o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (Freire, 1987, p. 33).

Bebendo dessa fonte, Miguel Arroyo (2004) traz à luz fecundas reflexões relativas à educação brasileira, destacando as relações entre currículo, diversidade cultural e valorização do modo de vida dos indivíduos inseridos nesse bojo. O autor problematiza a forma como o conhecimento escolar se reverte de neutralidade frente às práticas pedagógicas, que segundo seu ponto de vista, frequentemente marginalizam a pluralidade cultural e social dos estudantes, manifestando as desigualdades estruturais presentes na sociedade.

Nesse cenário, emerge a ideia de que o currículo deve ser contextualizado de acordo com a realidade dos sujeitos envolvidos, respeitando o universo que os circundam, criando metodologias que facilitem o processo de ensino-aprendizagem, sem desprezar suas vivências cotidianas. Em detrimento disso, a valorização das narrativas locais contribui para a construção de uma educação mais democrática, que reverte de significâncias as experiências vividas pelos estudantes.

Assim, “temos de reconhecer que as imagens que fazemos dos alunos antecedem o próprio conhecimento real que temos deles. Carregamos imagens prontas no nosso imaginário pedagógico, social e cultural” (Arroyo 2004, p. 34), o que potencializa, muitas das vezes, o fracasso escolar, que, na íntegra, não é um problema do aluno, mas está relacionado às condições histórico-culturais que sustentam e produzem as desigualdades, porque “essas imagens sociais negativas, com frequência, convertem-se em diagnósticos pedagógicos que justificam o olhar de desconfiança e o tratamento excludente ou compensatório que a instituição escolar dispensa a determinados sujeitos” (Arroyo 2004, p. 52). Dessa forma, a proposta do autor envolve uma revisão curricular, centrada na transformação das práticas educacionais, que precisam promover inclusão, reconhecimento cultural e diálogo entre diferentes campos do conhecimento.

Para além disso, as asserções de Arroyo (2004) coadunam-se com as formulações de António Nóvoa (2002), que traz como haste central desse desenrolar a figura do professor, caracterizando-o enquanto mediador cultural que tem como missão ressignificar o conhecimento escolar, de acordo com a realidade social dos discentes. Esse profissional fomenta a sua identidade docente no cotidiano da escola, através das práticas metodológicas aplicadas em sala de aula.

Em conformidade com isso, o professor é o indivíduo que se conecta diretamente com os educandos, é ele que consegue perceber e entender universo dos alunos, é o professor que tem a função precípua de transformar, valorizar e dar novos sentidos aos saberes que circundam o meio social desses sujeitos, sendo percebido nesse processo como alguém que ultrapassa as barreiras da simples transmissão de conteúdo. Conforme assinala Nóvoa (2002, p. 23), “[...] o aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”, onde o conhecimento não pode ser dissociado da experiência e da identidade daqueles que o produzem.

Por isso, torna-se fulcral que os educadores, com apoio das instituições educacionais, criem estratégias proíficas envolvendo a temática lendas locais, porquanto essa é uma forma eficaz de desencadear o pensamento crítico dos estudantes e introduzir o sentimento de pertencimento nos mesmos, especialmente em um cenário, como visto no tópico anterior, onde as culturas externas tornam-se cada vez mais predominantes – em decorrência, principalmente, da globalização, das redes sociais e da indústria do entretenimento –, fazendo com que as dinâmicas socioculturais tornem-se cada vez mais abrangentes.

Em suma, esse tópico se encerra enfatizando que as elucubrações dos autores aqui mencionados corroboram com a ideia de que a escola deve respeitar, valorizar o universo das experiências culturais dos discentes e estimular neles a criticidade, reformulando esses saberes e tornando o currículo um espaço real e significativo, onde o professor é a figura responsável por criar sustentáculos entre o conhecimento sistematizado, a prática cotidiana dos discentes e também as vivências dele mesmo.

Oralidade, Memória e Tradição

A oralidade ocupa lugar de destaque nas preservações das lendas amazônicas, porquanto é a partir da transmissão verbal, a qual transcende as gerações, que essas histórias mantêm viva as tradições locais. Em municípios do interior do estado, como Carauari, o conhecimento é geralmente transmitido através do processo dialógico, excedendo a simples comunicação de histórias e configurando-se como um mecanismo de conservação da memória coletiva, de potencialização dos vínculos de continuidade das práticas culturais que compõem o patrimônio imaterial local. Considerando esse

entendimento, compreender o papel da oralidade torna-se fundamental para reconhecer as lendas não apenas como manifestações folclóricas, mas como formas de produção e circulação de conhecimentos socialmente construídos.

Ancorado a isso, o filósofo Benjamin (1994) destaca que a narrativa oral representa um espaço privilegiado de transmissão da experiência humana. Para o autor, o narrador não se limita a relatar acontecimentos; ele compartilha vivências, saberes e ensinamentos acumulados ao longo da vida, estabelecendo uma relação contínua entre passado e presente. Por essa razão, afirma que “[...] o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (Benjamin, 1994, p. 200), salientando que o discurso tradicional possui um caráter formativo que supera o entretenimento.

Entretanto, ele também chama a atenção para o progressivo enfraquecimento da arte de narrar diante das transformações da modernidade, fenômeno que compromete a circulação das experiências transmitidas oralmente e reduz os espaços destinados ao compartilhamento dos saberes comunitários. Nesse horizonte, quando assegura que “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” (Benjamin, 1994, p. 197), o autor evidencia um processo de esvaziamento das práticas de rememoração ancestral, aspecto que se mostra relevante para a compreensão dos desafios enfrentados pelas comunidades amazônicas na preservação de seu patrimônio cultural.

Tal reflexão encontra correspondência na realidade observada durante a pesquisa de campo desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Médio Osvaldo Nascimento, em Carauari-AM. O contato com os estudantes revelou que muitos desconheciam lendas amplamente difundidas entre gerações anteriores, demonstrando o enfraquecimento dessas histórias no cotidiano escolar. Todavia, ao serem apresentadas durante as atividades pedagógicas, observou-se significativo interesse, participação e envolvimento dos alunos, indicando que tais contos permanecem capazes de despertar curiosidade e estimular processos de aprendizagem quando inseridas em práticas educativas referenciadas.

À guisa dessa concepção, a contribuição de Benjamin (1994) transcende a defesa da tradição oral como patrimônio cultural, oferecendo elementos para compreender a relevância pedagógica da narrativa como forma de compartilhamento de experiências e construção de sentidos. É justamente nessa linha que a presente pesquisa se insere, ao perscrutar de que maneira as lendas locais de Carauari podem ser introduzidas às práticas escolares, não somente para preservar manifestações culturais, mas também

para promover uma educação historicamente situada, apta para estabelecer relações entre memória, cultura e formação dos estudantes.

Relativo a isso, não se pode perder de vista que sua formulação, no tocante à oralidade, é aprimorada por Paul Zumthor (1993), que desloca o foco da narrativa para o próprio acontecimento da enunciação, onde, segundo o autor, estrutura-se como uma performance, na qual a produção de sentidos depende da interação entre narrador e ouvintes, das circunstâncias da narrativa e da experiência compartilhada entre os sujeitos envolvidos. Nessa esteira, o narrador tanto reproduz histórias herdadas quanto as recria continuamente, adaptando-as às especificidades de cada contexto. Como bem afirma Zumthor (1993, p. 163), “o intérprete recolhe o texto da tradição e assume o encargo de transmiti-lo, mas, ao fazê-lo, ele impera sobre a matéria”.

Essa apreensão consolida o debate ao enfatizar que as lendas não constituem discursos estáticos ou imutáveis, ao contrário, elas permanecem vivas porque são constantemente reinterpretadas pelos indivíduos e pelas comunidades que as compartilham. Em razão disso, cada manifestação incorpora novos significados sem romper com seus fundamentos culturais, permitindo que a tradição dialogue com as transformações sociais vivenciadas ao longo do tempo.

A aludida característica revela-se particularmente significativa no contexto amazônico, onde a oralidade continua desempenhando importante função na difusão dos conhecimentos produzidos pelas comunidades ribeirinhas. Ao serem introduzidas ao ambiente escolar, essas histórias deixam de ocupar uma posição periférica no currículo e passam a constituir possibilidades concretas de aproximação entre os saberes comunitários e o conhecimento formal, propiciando práticas pedagógicas condizentes à realidade local e culturalmente substancial.

Sob outra diretriz, Câmara Cascudo (2001) expande esse horizonte ao compreender as manifestações da cultura popular como elementos constitutivos da formação histórica e cultural brasileira. Para o autor, o folclore representa um patrimônio construído coletivamente ao longo das gerações, preservando modos de viver, pensar e interpretar a realidade que dificilmente seriam registrados apenas por meio da documentação escrita. Isto é, como define o pesquisador com suas próprias palavras, “o folclore é tudo o que o homem do povo faz, na atividade coletiva, comensurável, repetida [...] sem preocupação de originalidade ou de individualidade” (Cascudo, 2001, p. 33).

Assim, as tradições populares revelam-se como importantes fontes para a compreensão das identidades culturais presentes nas diferentes regiões do país.

Essa perspectiva confere maior abrangência ao presente estudo, pois permite observar as lendas de Carauari não como ações isoladas, mas como expressões de um patrimônio cultural que integra a diversidade do folclore brasileiro. Desse modo, sua valorização na ambiência educacional exorbita o propósito de preservar os costumes locais, contribuindo para que os estudantes reconheçam a historicidade dos saberes produzidos em sua própria comunidade e percebam a cultura amazônica como parte constituinte da pluralidade cultural nacional.

Por outra dimensão analítica, as discussões sobre oralidade e tradição são aprofundados pelos estudos de Alessandro Portelli (1997), cuja contribuição desloca o debate para o campo da História Oral. Para o autor, o valor das fontes orais não reside apenas na reconstituição factual dos acontecimentos, mas, sobretudo, nos significados que os sujeitos atribuem às suas experiências. Logo, a memória passa a ser percebida como uma construção social permeada por interpretações, sentimentos e representações, razão pela qual os depoimentos orais revelam, além daquilo que ocorreu, a forma como os indivíduos elaboram e atribuem sentido ao passado. Nessa análise, Portelli (1997, p. 31) afirma que as “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”, evidenciando que a subjetividade compõe elementos inerentes à produção do conhecimento histórico.

Tal elucidação mostra-se oportuna para a presente pesquisa, uma vez que as lendas de Carauari, além de serem analisadas como expressões tradicionais, também são vistas como manifestações por meio das quais a comunidade expressa valores, interpretações e percepções sobre sua própria realidade histórica e cultural. Com base nisso, mais do que verificar a veracidade dos acontecimentos narrados, interessa compreender os sentidos que essas histórias assumem para os sujeitos que as preservam e as transmitem entre gerações.

Paul Thompson (1992), por sua vez, embora compartilhe da valorização das fontes orais, direciona sua análise para os procedimentos metodológicos da História Oral. Ele reconhece que a memória pode apresentar lacunas, seleções e ressignificações, motivo pelo qual defende que os relatos orais sejam analisados de forma crítica e contextualizada, em diálogo com outras fontes históricas. Ainda assim, o autor frisa o caráter democrático desse campo científico ao afirmar que “a história oral devolve a história às pessoas em

suas próprias palavras [...]” (Thompson, 1992, p. 337), potencializando a participação de grupos frequentemente silenciados pelas narrativas oficiais.

Tendo em vista essas considerações, as contribuições de Portelli (1997) e Thompson (1992) revelam-se complementares, haja vista enquanto o primeiro ressalta a importância dos significados produzidos pela memória, o segundo enfatiza a necessidade de rigor metodológico na interpretação dos testemunhos orais. Em conjunto, ambos oferecem fundamentos teóricos que sustentam a utilização das narrativas orais como fontes legítimas de investigação, permitindo entender as lendas de Carauari não somente como patrimônio cultural, mas também como recurso pedagógico apto a aproximar os estudantes de sua história, de sua cultura e das múltiplas formas de construção do conhecimento histórico.

As arguições tecidas por Benjamin (1994), Zumthor (1993), Cascudo (2001), Portelli (1997) e Thompson (1992), portanto, alinham-se ao reconhecerem a oralidade como dimensão representativa da experiência humana e da produção cultural. Todavia, esta pesquisa distingue-se por direcionar essas discussões para o contexto escolar de Carauari-AM, buscando demonstrar que a incorporação dessas configurações ao cotidiano educativo assegura práticas interculturais, aproxima o currículo da vivência dos estudantes e contribui para a valorização dos saberes produzidos pelo próprio núcleo social, aproximando os discentes da história e da cultura do município.

Currículo, Interculturalidade e Ecologia de Saberes

Urge dizer que a inserção das lendas locais no contexto educacional demanda uma reflexão acerca do currículo, compreendido como um instrumento de organização dos conteúdos escolares, e também como um espaço de construção de significados, identidades e relações de poder. No que diz respeito a isso, a introdução das lendas locais ao processo de ensino-aprendizagem apresenta-se como uma possibilidade de aproximação entre o conhecimento formativo e as vivências dos estudantes, promovendo práticas pedagógicas substanciais à realidade amazônica.

Não obstante, para que essas histórias se tornem de fato ações educativas, é essencial analisar de que forma elas podem contribuir para o aprendizado dos discentes, agregando-se à educação intercultural e seus desdobramentos.

À luz desse prisma, Silva (2011) reconhece o currículo como uma construção histórica, cultural e política, afastando-se da concepção de neutralidade que, por muito tempo, orientou as práticas educacionais. Para o autor, esse projeto educativo expressa escolhas sociais que definem quais conhecimentos serão legitimados no ambiente escolar e quais permanecerão à margem desse processo. Em função disso, faz-se necessário entendermos que “[...] o currículo é lugar, é espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso [...]” (Silva, 2011, p. 150).

A organização curricular não se limita à seleção de conteúdos, mas influencia diretamente a forma como diferentes aspectos culturais são reconhecidos no espaço escolar. Quando privilegia exclusivamente ensinamentos considerados universais ou hegemônicos, esse guia tende a invisibilizar saberes produzidos pelas comunidades locais, restringindo as possibilidades de diálogo entre a escola e a realidade histórico-identitária dos educandos. Em virtude disso, Moreira e Silva (1995) advertem que:

O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação (Moreira; Silva, 1995, p. 7-8).

Essa elucubração é relevante para o cenário carauariense, onde as lendas locais constituem importantes manifestações do patrimônio cultural e da memória coletiva, mas ainda ocupam reduzido espaço nas práticas curriculares. Somado às contribuições de Moreira e Silva (1995), depreende-se que a valorização dos saberes comunitários ao passo que representa a ampliação dos conteúdos sistematizados, também conduz a construção de um currículo crítico e democrático, o qual reconhece a pluralidade cultural que caracteriza a sociedade brasileira e estabelece relações entre os conhecimentos, instaurando debates aprofundadas sobre desigualdades e inspirando a participação ativa dos sujeitos na construção do saber inovador.

Candau (2011), por sua vez, corrobora e reconduz essas ideias, orbitando sobre a interculturalidade⁹, pensada enquanto abordagem teórico-política, focada na transformação das práticas educacionais. Por essa via, o referido conceito é delineado a

⁹ Processo dinâmico de interação entre diferentes culturas, ancorado na valorização da diversidade e no respeito mútuo.

partir de suas premissas como uma proposta de caráter reflexivo e transformador, que questiona e analisa as relações de poder, os contrastes sociais e os processos históricos que permeiam e estruturam o sistema de ensino.

Sustentando-se nisso, discutirmos a interculturalidade dentro do bojo curricular educacional, requer um olhar crítico diante da padronização hegemônica, que, vejamos bem, forja a desvalorização de diferentes matrizes culturais, colocando sempre em evidência o olhar eurocêntrico, que necessita ser superado. Dessa forma, pode-se legitimar que “a perspectiva intercultural procura estimular o diálogo entre os diferentes saberes e conhecimentos [...]” (Candau, 2011, p. 253).

Gravitando sobre o molde amazônico, essa internalização mostra-se notadamente profícua, uma vez que as lendas locais integram o domínio simbólico e histórico das coletividades, constituindo referências importantes para a formação cultural dos discentes. Sua inserção nas práticas pedagógicas oportuniza a construção de um currículo sensível às especificidades regionais, permitindo que o processo educativo engendre um arcabouço cognitivo capaz de alcançar e valorizar as expressões simbólicas e culturais das camadas mais aquém da sociedade.

Essa matriz conceitual encontra respaldo na LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), que estabelece a necessidade de conciliar uma base comum de formação com o reconhecimento das especificidades locais e regionais. O art. 26 da Lei nº 9.394/1996 dispõe que “os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum [...] exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos” (Brasil, 1996, art. 26). Assim, a valorização das manifestações culturais amazônicas não representa apenas uma opção metodológica, mas uma orientação prevista na legislação educacional brasileira, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que dialoguem com o contexto de pertencimento dos discentes.

Sob essa égide, pondera-se que a interculturalidade não consiste em acrescentar conteúdos sobre culturas locais ao currículo, mas em impulsionar relações de diálogo entre diferentes formas de conhecimento. É nesse raciocínio que a presente pesquisa se insere, ao perscrutar o potencial pedagógico das lendas de Carauari como recurso que aproxima o ensino da dinâmica amazônica, ensejando uma educação que reconheça os saberes comunitários como parte constitutiva do processo formativo.

Esse debate ganha novos contornos a partir dos constructos teóricos de Santos (2009), que propõe o conceito de ecologia de saberes como alternativa às concepções que hierarquizam os diferentes modos de produção do conhecimento. Para o autor, a ciência moderna não deve ser captada como a única forma legítima de saber, mas como uma entre diversas maneiras de interpretar e compreender a realidade. Nessa direção, a ecologia de saberes propõe o diálogo entre o que se produz nas instituições de ensino e o que faz parte do cotidiano das comunidades, reconhecendo que cada uma dessas formas responde a experiências, contextos e necessidades específicas.

Isso quer dizer que, assim como os outros autores que o antecederam nesse tópico, ele também problematiza a hierarquização dos conhecimentos, sugerindo a notoriedade das tradições locais, que se concebem na perspectiva da justiça cognitiva. Para o autor, esta exige uma ecologia de saberes, que “[...] se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia (Santos, 2009, p.45)”.

Com esse fundamento, fica claro que há uma urgência em se romper com as concepções de culturas dominantes e a marginalizações das tradições ancestrais, é claro que não desprezando a primeira, mas viabilizando entre ambas uma conversação transversal, capaz de transcender os preconceitos e as mentalidades subordinadas pelo monopólio do ensino formal, pois devemos compreender que nenhuma forma de conhecimento detém exclusividade sobre a compreensão do mundo.

Essa elucidação encontra correspondência nas orientações da BNCC – Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que reconhece a importância da valorização da diversidade cultural e dos conhecimentos produzidos em diferentes contextos sociais. Ao propor o desenvolvimento de competências voltadas ao respeito às múltiplas identidades culturais e à formação cidadã, a BNCC amplia as possibilidades de construção de práticas pedagógicas fundamentadas, em consonância com as especificidades regionais e locais. Isso significa que a própria lei, por meio do documento normativo em voga, propõe a valorização dos diversos saberes, sem distinções. Então, por que a realidade se mostra tão anfigúrica quanto a isso?

Pois bem, acredita-se que o pensamento eurocêntrico ainda é muito predominante no cenário educacional, apesar de vir mascarado muitas das vezes, é nítida a marginalização das tradições populares. Esse quadro, conseqüentemente, é um dos

fatores pungentes que desencadeiam a falta de pertencimento identitário nos educandos. Para que essa problemática não fosse prevalente no contexto brasileiro de educação, seria necessário verdadeiramente:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitam entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (Brasil, 2018, p. 9).

Contudo, ainda falta muito para que cheguemos ao ideal proposto em lei e em documentos normativos, e enquanto não houver uma mudança radical de mentalidade, tornar-se-á distante essa conquista.

Ante as considerações empreendidas, infere-se que a imbricação entre currículo, interculturalidade e ecologia de saberes oferece bases consistentes para a presente pesquisa, ao demonstrar que a inserção das lendas de Carauari nas dinâmicas educacionais, além de representar a valorização de manifestações culturais locais, também se caracteriza como uma estratégia pedagógica comprometida com a construção de um ensino que reconheça a pluralidade dos conhecimentos, fortaleça o vínculo dos estudantes com sua ambiência e favoreça práticas educativas interculturais na tessitura amazônica.

Patrimônio Cultural e Educação

As lendas locais correspondem a fenômenos culturais que articulam memória, oralidade, identidade e patrimônio, caracterizando-se como importantes formas de preservação dos saberes produzidos pelos grupos sociais ao longo do tempo. Transmitidas entre gerações por meio da tradição oral, essas narrativas sintetizam valores, crenças, experiências e modos de vida que integram a identidade histórico-cultural de determinado corpo social. Com efeito, seu impacto não se restringe ao campo da cultura, estendendo-se também ao âmbito educacional, uma vez que facilitam a aproximação entre as vivências escolares e cotidianas dos estudantes.

Alicerçado nisso, compreender essas histórias como patrimônio cultural imaterial implica reconhecê-las como expressões legítimas da herança memorial e cultural das comunidades que as produzem e as preservam. Mais do que contos transmitidos ao longo

do tempo, elas constituem referências identitárias que enaltecem o sentimento de pertencimento e asseguram a continuidade de práticas, conhecimentos e tradições compartilhadas coletivamente. Assim, sua inserção no ambiente escolar não representa apenas uma estratégia didática, mas uma possibilidade de valorização da diversidade cultural e de consolidação da memória social.

Em consonância, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2003) – cuja sede localiza-se em Paris, na França – entra nesse debate com a função motriz de expressar a magnitude dessas narrativas na construção identitária da comunidade, desempenhando o papel normativo na proteção delas enquanto patrimônio cultural imaterial.

Esse órgão, além de promover a salvaguarda dessas manifestações, também atua na valorização e ressignificação das expressões culturais vivas dos povos ao redor do mundo. Nessa linha, as referidas demonstrações revertem-se de significados, levando-nos ao entendimento de que elas são o patrimônio de um povo, de uma comunidade, cujos costumes, crenças, modo de ser ou agir são heranças que fomentam histórias. Por isso, faz-se congruente externar que:

Entende-se por “patrimônio cultural e imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, grupos e, em alguns casos, indivíduos reconhecem como parte de seu patrimônio cultural (UNESCO, 2003, art. 2º).

Isso, por sua vez, permite-nos observar que as lendas locais de Carauari-AM se inserem no conjunto de referências que compõem o patrimônio cultural imaterial amazônico, visto que preservam os conhecimentos, a religiosidade e as experiências historicamente construídas pela comunidade local. Sua permanência ao longo das gerações evidencia não unicamente a continuidade das tradições orais, mas também a capacidade dessas narrativas de atualizar significados, aprimorar vínculos identitários e reafirmar a memória coletiva em diferentes contextos históricos.

Logo, o papel da UNESCO (2003) é de grande valia para o reconhecimento plural da diversidade cultural que abrange os aspectos das tradições populares, ajudando estudantes, não só do Brasil, mas do mundo afora, a conhecerem mais visceralmente e valorizarem as expressões culturais de sua coletividade.

No Brasil, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2014) é o responsável pela proteção e salvaguarda dos bens culturais, além disso, também incentiva a sedimentação da consciência histórica na sociedade, através de ações educativas que estimulam a valorização da cultura brasileira e suas materializações. Consoante a isso, a referida entidade pública federal, em parceria com as escolas espalhadas em solo nacional, impulsiona a educação patrimonial, a qual:

[...] constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação (IPHAN, 2014, p. 19).

Essa articulação é importante para o incentivo da consciência de pertencimentos dos estudantes, uma vez que a escola é um espaço de difusão da diversidade cultural que orbita o cenário brasileiro, onde a aproximação entre grupos distintos propicia o respeito às diferenças, a afirmação das identidades e a compreensão da pluralidade sociocultural que compõe o tecido social.

Em detrimento, as metodologias pensadas para o desenvolvimento das consecuições práticas no âmbito educacional envolvem mobilização, orientações técnicas e normativas. É a partir dessa perspectiva que as histórias contadas de pai pra filho ganham o papel de grande destaque nessa esfera, pois o trabalho com traços culturais locais, como lendas e tradições, corrobora para que os estudantes se identifiquem com o repertório cultural e a história de sua comunidade.

Diante dessa conjuntura, as lendas locais de Carauari-AM configuram um patrimônio cultural imaterial, uma vez que representam saberes e tradições transmitidas através da oralidade, atravessando gerações e transformando-se em heranças, que refletem a relação do homem com a sua memória coletiva e com a natureza que o circunda.

Nesse sentido, ao integrar as lendas carauarienses no exercício pedagógico, a escola promove a consolidação da consciência identitária dos estudantes e o combate contra a invisibilização cultural imposta por currículos padronizados, que marginalizam o conhecimento passado de pai para filho. Assim, a interação entre educação patrimonial e patrimônios imateriais locais concebem um espaço de preservação no processo de ensino e aprendizagem, incorporando a valorização das práticas culturais.

Resultados

Quando no universo escolar há uma interação entre os tipos de conhecimento, sejam empíricos, sejam científicos, o processo de ensino-aprendizagem ganha novos significados e contribui efetivamente para a formação coletiva e pessoal dos estudantes. Nessa lógica, as ações práticas executadas no cenário educacional devem estar alinhadas às propostas inseridas nos documentos normativos, que servem de bússola para orientar o corpo docente e a gestão escolar acerca das habilidades que os discentes precisam desenvolver.

Enveredando por esse caminho, “a educação deve firmar valores e estimular ações que contribuem para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e também voltada para a preservação da natureza” (Brasil, 2018, p.14), ou seja, a escola precisa compreender a realidade dos discentes e incluir metodologias que a integrem no seio da aprendizagem, valorizando as suas vivências e os saberes transmitidos por seus antepassados.

Diante do exposto, esta pesquisa, em sua plenitude, objetivou analisar a relevância do resgate das lendas locais no ambiente escolar de Carauari-AM como estratégia de fortalecimento dos vínculos comunitários, da identidade regional e da valorização das tradições culturais, buscando compreender o papel dessas narrativas na preservação do sentimento de pertencimento cultural da comunidade carauariense, discutir a importância da escola como espaço de difusão da cultura local e identificar as contribuições pedagógicas da inserção das lendas no processo de ensino-aprendizagem.

A partir dos objetivos traçados, das metodologias empregadas, das leituras realizadas e, sobretudo, das vivências no contexto investigado, pôde-se apreender que, embora os documentos normativos orientem o processo educacional, a realidade observada revela-se contraproducente e discrepante de seus pressupostos. Tal cenário é fomentado pela permanência de uma racionalidade eurocêntrica e hegemônica, na qual o conhecimento científico é concebido como prioridade absoluta, relegando as tradições populares a uma posição secundária, em vez de promover uma interlocução profícua e complementar entre ambas as formas de saber.

Em virtude disso, as gerações hodiernas dão pouca importância aos saberes ancestrais, que são passados de pai para filho, e principalmente, às narrativas orais, das

quais as lendas locais fazem parte. E foi ansiando resgatar essas histórias que a presente pesquisa foi fomentada.

No decorrer da implementação do plano de ação pedagógica, foram apresentadas aos educandos as lendas da Mulher Porca, da Rasga-mortalha¹⁰ e do Homem com os Olhos de Fogo¹¹, por se presumir que essas narrativas integrassem o repertório cultural dos estudantes, uma vez que compõem importantes demonstrações do imaginário popular carauariense. Todavia, constatou-se que parcela significativa da turma desconhecia tais relatos. Apesar disso, à medida que as histórias foram sendo exploradas, observou-se expressivo envolvimento dos alunos, evidenciado pelo entusiasmo, pela participação ativa e pelo interesse despertado durante as atividades.

Os trabalhos produzidos ao longo da oficina pedagógica revelaram elevado nível de comprometimento e reflexão acerca da temática, corroborando a relevância da inserção da oralidade no contexto escolar. A experiência possibilitou a ressignificação de contos que integram a memória coletiva e a trajetória histórica, social e cultural de Carauari, desencadeando o reconhecimento dessas práticas como elementos constitutivos da identidade cultural dos próprios educandos.

Consoante a isso, a inclusão das lendas locais ao currículo escolar formula-se como uma estratégia eficaz para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, ao potencializar o diálogo entre o conhecimento sistematizado e os saberes tradicionais. Longe de estabelecer uma relação hierárquica entre essas formas de conhecimento, tal integração contribui para uma formação holística, contextualizada e culturalmente representativa, ampliando a compreensão dos estudantes acerca de suas raízes histórico-culturais.

Portanto, torna-se imprescindível que os aspectos da cultura popular carauariense, especialmente aqueles vinculados à tradição oral, sejam integrados às práticas pedagógicas, em alinhamento com as orientações dos documentos normativos, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Logo, além de preservarem a

¹⁰ Lenda do folclore popular brasileiro, com forte predominância nas regiões Norte e no Nordeste do país, que associa o grito da coruja Suindara ao presságio da morte. Conta-se que, se essa ave passar por cima de uma casa e emitir um canto estridente, semelhante rasgo de um pano (mortalha), é porque está anunciando o falecimento de um dos moradores.

¹¹ Presente no imaginário do povo carauariense, a narrativa apresenta uma figura misteriosa: um homem alto, de pele negra e olhos de fogo vívido, que persegue pescadores e caçadores que adentram a mata. Dizem que essa criatura era um homem comum, que fora amaldiçoado após tirar a vida do próprio irmão com um martelo.

memória coletiva, essas narrativas representam o patrimônio cultural imaterial local e reafirmam a identidade histórica da população.

Considerações Finais

As análises desenvolvidas ao longo deste artigo tiveram como finalidade mestra trazer a importância de se trabalhar as lendas locais no ambiente escolar, exaltando o quão fundamentais são essas narrativas para o aperfeiçoamento e a construção do caráter identitário dos estudantes carauarienses, que vem sendo cada vez mais afetado pelas influências culturais externas.

Nesse sentido, ao se promover esta investigação e traçar objetivos, que de alguma forma contribuiriam para a acuidade da construção dos saberes praticados em âmbito escolar, pretendeu-se resgatar a memória cultural do povo, demonstrando o grande valor que ela agrega à sua história e ao seu desenvolvimento sociocultural.

Vale reforçar que a ação pedagógica que norteou a pesquisa foi realizada em conjunto, no Estágio Supervisionado em História II, mas tudo o que aqui consta é fruto de uma análise individual, inclusive os objetivos estabelecidos, os quais foram alcançados com sucesso.

Dessa forma, este estudo mostra-se primordial na compreensão de que as lendas locais não são meros contos, muito pelo contrário, elas, assim como os outros elementos culturais, são heranças valiosas que precisam ganhar o devido protagonismo no cenário escolar, enquanto aspecto intrínseco da oralidade e da memória.

Referências

ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas: trajetória e tempos de alunos e mestres**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2020.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras Escolhidas, vol. I).

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 13 abr. 2026.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 03 mar. 2026.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2015.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 802-820, jul./set. 2016. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742016000300802. Acesso em: 30 jul. 2026.

CANDAU, Vera Maria; ZENAIDE, Maria Nazaré. **Oficinas: aprendendo e ensinando direitos humanos**. João Pessoa: Programa Nacional /Secretaria de Segurança Pública do Estado da Paraíba/Conselho Estadual da Defesa de Direitos do Homem e do Cidadão, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Global, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: IPHAN, 2014.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

MALINOSWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. Introdução. In: MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1995. p. 7-8.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: EDUCA, 2002.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240>. Acesso em: 14 abr. 2026.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 23-7.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
UNESCO. **Conservação para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris: UNESCO, 2003. Disponível em: <https://bibliotecadigital.iphan.gov.br/items/f1b1551e-fb75-4f5f-9206-e0cba924331b>. Acesso em: 04 mar. 2026.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. Tradução de Amélio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.